

4

A televisão em Vista Alegre

4.1

A pesquisa etnográfica em Vista Alegre

A investigação sobre o indivíduo e as diferenças, o “voltar-se para o outro” é uma das preocupações das Ciências Sociais, especialmente no que diz respeito às pesquisas em Antropologia, onde a perspectiva relativista se ocupa de uma abordagem não etnocêntrica dos povos e das culturas. Rocha diz que “ao fazer essa opção a Antropologia se desvincula da história e parte para o estudo da sociedade do outro sem se preocupar com o passado dessa sociedade” (2004, p.60). Nesse sentido, relativizar é procurar entender o outro no contexto de sua cultura, de suas verdades, sua relação com o meio, é olhar para as diferenças como alternativas; como alguém que passa a ser o narrador de sua própria história, narrativa que tem como referência principal as práticas cotidianas e suas complexidades. Geertz constata que “imaginar a diferença (o que não significa, é claro, inventá-la, mas torná-la evidente) continua a ser uma ciência da qual todos precisamos” (2001, p.82). Mas como descrever essas diferenças, essas complexidades? Um dos métodos desenvolvidos pela Antropologia para alcançar esse objetivo é o trabalho de campo, descrito por Malinowski (1980).

O trabalho de campo, ou a pesquisa etnográfica, segundo Guimarães (1980), pressupõe o estudo sistematizado de um povo ou de uma comunidade através de procedimentos técnicos que objetivam a observação, a coleta, a descrição e a interpretação de dados e fatos. A implantação da energia elétrica em Vista Alegre e a quase imediata inserção do aparelho de televisão naquela comunidade motivaram este estudo. Pensar a produção de sentido a partir do contato com as mensagens da televisão, tomando como base o cotidiano desses indivíduos, passou necessariamente pelos procedimentos adotados pela etnografia.

No entanto, para fazer um estudo sobre este lugar que não está no mapa, foi preciso abrir mão do rigor que ordena os passos formais de uma pesquisa de

campo³¹. As informações históricas e geográficas que ajudariam a contextualizar o objeto de estudo não existem. Embora seja perceptível, em Santa Maria Madalena, o interesse em preservar a memória e a história do município, a existência de Vista Alegre não está oficialmente registrada em documentos. A obtenção de dados sobre a população local, por exemplo, só seria possível a partir de duas vias: a primeira delas seria a vice-presidente da associação de moradores de Agulha dos Leais, Cláudia Fontes, e a segunda, a Emater. A agente comunitária realizou uma pesquisa, encomendada pela secretaria de saúde de Santa Maria Madalena, sobre o número de pessoas residentes na localidade. Um fato no mínimo inusitado viria a interpor-se em seu caminho: quando ia entregar os dados da pesquisa, Cláudia foi assaltada, teve a moto que dirigia e a pasta, roubadas. Perdeu todo o trabalho. A saída foi buscar na Emater de Santa Maria Madalena, através do técnico Gézio Daflon e do agrônomo Gerson Yunes (que acompanharam o processo de eletrificação rural), o número de residências participantes do projeto. A Companhia de Eletricidade do Rio de Janeiro e o Ministério das Minas e Energia foram consultados, mas não atenderam às solicitações. No IBGE também não há registros sobre a localidade. Na secretaria de Cultura de Santa Maria Madalena foi possível encontrar um mapa (que pode ser consultado nos anexos) das fazendas da região. A fazenda Vista Alegre – que dá nome ao lugar – está inserida lá, mas não há informações quanto à população em seu entorno.

Dessa forma, a pesquisa precisou limitar-se, prioritariamente, aos relatos orais; procurou privilegiar o aspecto qualitativo, concentrar-se nas entrevistas, nos questionários e na observação participante. Batendo de porta em porta, entrando de casa em casa, refazendo visitas, os contatos foram se estreitando e a conversa se estabeleceu. De início, uma conversa tímida, porque os moradores locais não estão acostumados com a presença de estranhos. Foi preciso vencer a desconfiança, ainda que alguns tenham resistido. Geertz diz que, para perceber essas subjetividades que emergem em nossos contatos com os outros, é preciso desenvolver habilidades, “se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem

³¹A pesquisa de campo prevê o mapeamento completo e a inserção prolongada em um ambiente comunitário que se pretende estudar. Buscamos nos aproximar o mais possível dessa metodologia. No entanto, a insuficiência de dados que poderiam configurar o mapeamento físico não obscureceu a proposta de traçar uma cartografia simbólica, uma vez que dispusemos das ferramentas essenciais para sua realização: as narrativas do cotidiano.

nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar” (1997, p.107).

A experiência com as crianças foi difícil. Ednara, Elianderson e Duesley, entre outros, não facilitaram. Ficaram inibidos, mantinham-se em silêncio, corriam para a rua ou se escondiam dentro de casa quando se propunha a conversa. O isolamento e a dificuldade de acesso ao lugar fazem com que a movimentação de estranhos seja pequena e a convivência com outros se limite, na maior parte do tempo, aos vizinhos, parentes, professores e colegas de escola. Uma proximidade imposta pelo meio e pelas circunstâncias que parece levar a um outro tipo de constatação: boa parte dos entrevistados tem o mesmo sobrenome, “de Paula”, o que pode sugerir que os casamentos se dêem, em sua maioria, entre vizinhos e parentes próximos, fortalecendo a endogenia neste ambiente comunitário.

As temporadas em Vista Alegre permitiram obter as informações que são enviadas também através de gestos, expressões, símbolos com os quais os indivíduos exprimem suas maneiras de agir, pensar, sentir, interpretar, por meio da observação participante. Uma metodologia em que é necessário manter a vigilância para tentar evitar as ciladas da própria subjetividade. Almeida (2003) revela que a pesquisa de campo requer do pesquisador a utilização de duas lentes para distinguir as realidades com que vai lidar: a própria e a do grupo. Procurou-se evitar a pretensão ingênua de acreditar que o próprio olhar não iria interferir em todo o processo, desde a seleção de perguntas, a hierarquização dos dados, à descrição e interpretação dos resultados. Para Rodrigues,

o Homem não tem acesso ao mundo tal qual é – ao mundo independente das lentes de sua humanidade. É escravo de seus óculos: percebe não o que é, ou parece ser, mas o que transparece por seus cristais. (2003, p.113)

Mas não seria possível se fosse de outra maneira. É preciso assumir os riscos, se o distanciamento pleno é inalcançável. A motivação para a pesquisa já é subjetiva. Subjetivos, também, são os laços que se estabelecem com os entrevistados. Dentre as 80 famílias de produtores rurais beneficiadas pelo projeto de eletrificação, 14 foram selecionadas para este trabalho. Uma das razões foi a possibilidade de encontrá-los quase sempre em casa e começar a estabelecer com eles um contato mais freqüente que ajudasse a criar as condições para a

viabilização da proposta: invadir o ambiente doméstico para assistir à televisão³². Outra razão foi a afinidade que se deu mais facilmente com algumas pessoas do que com outras, que facilitou a conversa e reduziu a necessidade de fazer perguntas.

Em se tratando de um estudo sobre a incorporação da televisão no cotidiano, a observação participante tornou-se ferramenta fundamental. Mantida a vigilância, delimitado o espaço da pesquisa, o passo seguinte foi a inserção na cotidianidade da recepção, assistindo à tevê junto com os grupos, procurando saber a que programas eles assistem, por que os assistem, o que assimilam do que assistem, se entendem, como entendem, se discordam e se são capazes de formular opiniões sobre o que assistem, tendo-se em mente que esses receptores podem fazer leituras diferentes das mensagens que recebem em comum. Hamburger argumenta que

a observação participante em contextos de recepção seria capaz de ir além do que espectadores falam ou escrevem quando perguntados, permitindo a abordagem de como a TV, ou determinados programas, se inserem no cotidiano das pessoas que assistem. (2005, p.17)

Os primeiros resultados do trabalho de campo também geraram a necessidade de se reformular um outro procedimento das pesquisas de recepção realizadas por antropólogos (Gomes, 1998; Almeida, 2003; Hamburger, 2005): não se selecionou um gênero ou programa específico para assistir com os entrevistados, eles fizeram suas escolhas.

A ousadia de mudar o percurso se deu pelo fato de que as pessoas entrevistadas revelaram gostos diferentes quanto à programação, não se verificando a preferência geral por uma determinada novela, seriado ou telejornal. Acostumando-se ainda ao meio eletrônico, os moradores locais elegiam os programas que atendiam às suas expectativas imediatas e a pesquisa passou a formular a partir daí as considerações previamente estabelecidas. Essa atitude os deixou mais à vontade e tornou mais fácil verificar de que maneira os receptores interagem com os conteúdos simbólicos disponibilizados pela televisão, porque,

³² Em algumas das casas registradas no projeto de eletrificação rural, ainda que insistíssemos, nunca conseguimos encontrar as pessoas.

estimulados pelo que viam, faziam comentários cujos registros foram fundamentais para a realização desta proposta.

Entretanto, ainda que a maioria daquelas pessoas já estivesse familiarizada com a idéia da pesquisa e com o pesquisador, alguns tinham reações curiosas quando se tratava de assistir à tevê com um quase desconhecido dentro de casa. Era perceptível que a novidade alterava a rotina familiar: as salas, em geral, estavam arrumadas, as pessoas apareciam de banho tomado e mantinham-se em silêncio, recebendo a visita. Alguns ficavam de pé, visivelmente encabulados. Outros chegaram a mostrar-se francamente irritados com aquela intromissão em suas vidas. Era depois, do lado de fora, já na despedida, que a conversa melhorava, fluía. Ao relatar a própria experiência, Almeida conta que

“para entrar num momento de intimidade familiar, era preciso mais do que conquistar a confiança ou a simpatia de alguns membros de uma família, mas o inverso também se dava. Enfim, a simpatia precisava ser recíproca. (2003, p. 78)

A simpatia recíproca não se deu com os integrantes de todos os grupos observados. Em alguns casos, as rejeições à interferência eram claras. Circunstâncias que precisaram ser contornadas a fim de dar continuidade ao trabalho.

Uma das premissas da etnografia é ter como parâmetro uma vigilância constante com relação aos objetivos inicialmente propostos, pois, para Silva, “o posicionamento político de uma pesquisa científica se dá na definição de seus objetivos” (1985, p.71). Se as dificuldades inerentes ao processo, na medida do possível, forem previstas e incorporadas aos resultados, esse propósito poderá ser alcançado. Mas também é preciso considerar que pode haver mudança de rumo, o que se verifica a partir das próprias observações e das diferenças nos grupos. A suposição inicial deste estudo era a de que todos os moradores de Vista Alegre teriam sido seduzidos pelo aparato da televisão. A descoberta de pessoas que por apego às tradições ou por convicções religiosas não sucumbiram aos apelos do meio obrigou a redimensionar alguns conceitos previamente formulados.

Guimarães sugere que “ao lado do costume e da tradição, temos o tom pelo qual se manifesta, no comportamento, a importância a eles atribuída” (1980, p.13). Em alguns casos, é a passagem do tempo que perpetua a tradição, que a fortalece. A religiosidade e o apego ao passado tornam necessária a investigação

sobre as resistências. Verificou-se que estas podem estar relacionadas ao fato de que as novidades não são exatamente o que move as pessoas naquela comunidade, acostumadas que estão a levar suas vidas numa rotina que se mantém pouco sujeita a surpresas e sobressaltos.

A pesquisa etnográfica demonstrou que Vista Alegre pode ser considerada um lugar esquecido. Os moradores locais não se relacionam com Santa Maria Madalena exceto em época de eleições, quando exercem sua cidadania ao votar. Mesmo assim, as urnas ficam em Conceição de Macabu. Na única escola local, mantida pelo município, a diretora é de Conceição de Macabu e só vai a Santa Maria Madalena quando convocada pela secretaria de Educação. A diretora, o marido dela (que faz o transporte dos alunos de segundo grau para Conceição de Macabu) e as duas professoras da escola são das poucas pessoas não residentes que costumam frequentar Vista Alegre. Se em Santa Maria Madalena, os vistalegrenses são cidadãos eventuais, em Conceição de Macabu tornam-se consumidores. Eles mantêm com esse município uma relação econômica, mais frequente, um pouco mais estreita. Como as duas cidades ficam muito longe, só se movimentam em casos de necessidade ou interesse, o que costuma ocorrer, em média, de 15 em 15 dias. Na maior parte do tempo, estão entregues à própria sorte.

Ou ao próprio azar. A violência típica dos centros urbanos já chegou a Vista Alegre: a pesquisadora Cláudia foi assaltada por dois homens armados em plena luz do dia, à beira da estrada. O dono da fazenda Vista Alegre teve a casa invadida, também por dois homens, levou coronhadas de revólver a ponto de ficar inconsciente. Os bandidos fugiram levando dinheiro, eletrodomésticos e o carro da vítima. Nos muros de algumas casas em Triunfo, o branco da cal nas paredes dá destaque a uma inscrição onde se lê “CV”³³.

Seguindo os trâmites da etnografia, o próximo passo após a observação e coleta de dados é a organização do material recolhido, seguida da descrição e da interpretação dos resultados. Ao descrever e interpretar o resultado do trabalho de campo, o observador deve ter rigor ao obedecer às exigências que de início se impuseram à sua tarefa: aliar à experiência vivida o referencial teórico sobre o qual se debruçou, observando a metodologia de pesquisa anteriormente proposta.

³³ A inscrição refere-se às iniciais do “Comando Vermelho”, facção criminosa que atua junto ao tráfico de drogas no município e no interior do Rio de Janeiro.

No nosso caso, a cartografia simbólica que a etnografia ajuda a traçar em Vista Alegre permite constatar que a globalização que chega pela televisão nesse lugar esquecido sugere muitas perguntas.

4.2

Os estudos de recepção em Antropologia

Em Vista Alegre, assim que a energia elétrica foi implantada, os moradores esforçaram-se para equipar a casa com eletrodomésticos. Primeiro, por questões de necessidade e conforto, compraram, sempre em Conceição de Macabu, a geladeira e o ferro elétrico. Depois, por deleite, a televisão. Dona Enilzete já possuía o ferro de passar, mas não precisava mais esquentá-lo no fogão. A família também já tinha um aparelho de tevê em preto e branco, mas seu Hernandez teve “a sorte de ganhar uma televisão a cores em um bingo”. Dona Elenilza ganhou o aparelho das filhas, “elas juntaram e me deram a televisão porque acharam que eu estava muito sozinha”. Dona Izabel conta: “aqui em casa, quem quis comprar a televisão foi meu marido, Devaldo”. Alzeir comprou “por causa das crianças”. Nas classes populares, possuir o aparelho de tevê acena como uma proposta de diversão e entretenimento, mas não é só isso. Milanesi (1978) chama atenção para o fato de que a posse do objeto remete à ascensão social, dá *status*, caracteriza uma elevação dos padrões para uma classe intermediária, especialmente em relação àqueles que ainda não o possuem. Dispor do melhor lugar da casa, em geral a sala, para instalar a televisão é valorizar o espaço em geral reservado às visitas. É nesse cômodo que as pessoas costumam exibir suas aquisições. Como as janelas e portas das casas de roça em geral vivem abertas, inclusive à noite, quem passa na rua também pode constatar a posse da tevê pela janela. O objeto é exposto, ostentado, porque também pode significar estar em dia com a modernidade, abrir-se ao contato com as coisas novas do mundo. Um tipo de atitude que opera ainda como um traço de identificação do grupo, de um grupo que acompanha a novela ou que assiste ao telejornal. Nesse contexto, não apenas a posse do aparelho, mas também um suposto domínio sobre o conteúdo veiculado simula a possibilidade de inclusão em um universo idealizado.

Neste lugar onde as coisas acontecem em ritmo lento, o espaço doméstico, ocupado pela televisão, passa a ser reconhecido como passível de enraizamento, onde o sujeito vivencia seu universo cultural, produzido a partir de um pertencimento, uma identidade, uma memória e um imaginário que se formam a partir de condições concretas de existência, marcas de individualidade agora atravessadas pela recepção, pelo processo através do qual se dá a apropriação, nesse caso, das mensagens da mídia. O conteúdo das emissões televisivas preenche os vazios de uma rotina monótona e previsível. As emoções provocadas pelos programas podem ser mais fortes do que as experimentadas na vida real. É possível vivenciar sentimentos novos sem que eles precisem ser revelados, sem que seja necessário materializá-los na prática, em confronto com outros. Sob esse ponto de vista, aprende-se sobre si mesmo. Para Milanesi (1978), os conteúdos exibidos pela televisão podem fugir aos padrões da moralidade nos grupos fechados, e, de início, causar choque e indignação; mas à medida que se tornam repetitivos, também deixam de ser incomuns. O autor pondera que

um casal que se beija na boca, na frente de outras pessoas, na sala de visitas, será provavelmente considerado imoral e em algumas famílias esse fato seria inadmissível. Entretanto, em filmes e novelas isso ocorre com muita frequência e na presença da família reunida. Uma das formas de desgaste da imoralidade é a sua repetição. (1978, p. 190)

É preciso considerar que, passados quase 20 anos desde o exemplo dado pelo autor, o beijo na boca no vídeo não causa mais espanto, nem em Vista Alegre, à medida que os padrões de comportamento, inclusive o sexual, se modificam e novos conceitos passam a caber tanto na televisão como no cotidiano das pessoas. É com esses padrões urbanos que o rural contemporâneo convive. As notícias do telejornal, os dramas das novelas, neste ambiente fechado (sem pretender discutir aqui o conteúdo ideológico que as mensagens encerram), podem servir para ilustrar as conversas com os familiares e vizinhos, estreitar os laços de convivência, trazer à tona as discussões sobre os temas que não se formalizam no dia-a-dia, por impedimentos de toda ordem; e, ainda que metaforicamente, a utilização dos conteúdos simbólicos disseminados pelo meio eletrônico pode acenar com mudanças de atitudes. Os novos padrões e costumes que chegam pela tevê podem exigir um reexame das convicções próprias e produzir conflitos no âmbito do privado. Leal conclui que as novelas “são estórias

que dão soluções à própria ambigüidade dos pensamentos e dos afetos dos que as escutam” (1986, p. 87).

Quando nos referimos às novelas o fazemos porque, no que diz respeito ao telejornal, constatou-se, entre os moradores de Vista Alegre com quem a recepção foi partilhada, que a maioria sente-se menos segura para comentar as notícias. As reportagens referem-se a fatos reais, tratam de assuntos nem sempre conhecidos ou compreensíveis e muitas vezes polêmicos, assuntos sobre os quais muitos deles não têm uma opinião formada; daí os comentários se limitarem, com freqüência, a interjeições de espanto ou afirmações do tipo “que pena”, “que horror”, “que bonito”. Para Silva (1985) esse comportamento reflete uma estratégia da própria dinâmica de produção do telejornal: o *Jornal Nacional* é feito para ser consumido pela família, mas uma família indeterminada, uma audiência presumida, para a qual se dirige uma intenção de agradar, mantendo-se um cardápio de notícias variadas que vão de encontro às probabilidades. As notícias internacionais de menor impacto e a cotação da Bolsa de Valores, por exemplo, não costumam despertar o interesse ou prender a atenção dos moradores de Vista Alegre. Uma vez que o imaginário opera junto com a razão para que se dê sentido às mensagens da mídia, no caso das narrativas folhetinescas a interpretação é mais livre, mais autorizada, menos comprometida. A familiaridade com a novela se dá, segundo Gomes, porque a estratégia da narrativa está assentada em um conjunto de técnicas que reafirmam seu caráter pedagógico e retórico, a saber:

elas apresentam uma síntese dos processos classificatórios de que a sociedade dispõe e se serve para orientar escolhas na vida real, desde o consumo de bens e serviços até valores e sentimentos, principalmente no que diz respeito ao modo de ordená-los, alocá-los no tempo e no espaço. (1998, p.15)

Mas se a televisão, nessa comunidade, pode servir para trazer novos temas a conversas cotidianas, também pode reforçar o isolamento, tornando esses moradores cada vez mais afastados uns dos outros, na medida em que assistir à televisão é um ato individual, mesmo se exercido em um ambiente coletivo. E se já não havia nada o que fazer na rua, a televisão passa a ser a companhia que ajuda a preencher um tempo ocioso e um espaço vazio, adiando o diálogo, fortalecendo, em alguns, o sentimento de solidão. Solidão vivida, por exemplo, por dona Maria Elza, que possui uma pequena venda nos fundos de casa onde

vende balas e biscoitos, mas relaciona-se à distância com os vizinhos. Ela veio de fora e cultivava hábitos diferentes: é casada pela segunda vez com um homem bem mais jovem, usa roupas curtas, *shorts* e minissaias pouco comuns naquele ambiente; contrariamente à maioria, não frequenta a igreja. Do ponto de vista da comunidade religiosa, é uma desgarrada, mas não liga. Demonstra certo desapego ao lugar quando diz que não vale a pena fazer lavoura ali porque a terra não é deles, está consciente de uma condição própria de transitoriedade que reforça o distanciamento mantido em relação aos outros. A televisão, no caso de Dona Maria Elza, supre a falta de amigos.

A televisão levou as pessoas e o entretenimento, em Vista Alegre, para dentro das residências. As conversas na beira da rua foram substituídas pelos capítulos das novelas. As noites quietas estão preenchidas agora pelas imagens em movimento. Mas esses indivíduos parecem fruir mais a tevê do que o conteúdo veiculado por ela, uma vez que selecionam a programação menos pelo que está sendo exposto e mais pela conveniência. Muitos não sabem dizer que tipos de programas as emissoras oferecem além das novelas, do telejornal, dos filmes, do Sílvio Santos e do futebol. Eles estabeleceram com o veículo uma nova rotina, que, no entanto, precisou ser adaptada à antiga. Os hábitos anteriores vêm mudando lentamente.

Luis Antônio e Romero, por exemplo, afirmaram ir dormir mais tarde hoje para assistir a um filme ou jogo de futebol, mas não é sempre. A lida na roça exige que se levante muito cedo e isso eles precisam preservar. Não costumam ficar acordados de madrugada por causa da programação. Na maioria das vezes, priorizam o trabalho e a escola, a televisão costuma ser desligada depois da novela das oito, o que já constitui uma mudança de comportamento entre pessoas que antes iam dormir no fim da tarde para preencher as noites vazias.

O isolamento a que estão sujeitos gera nesses indivíduos um nível de dependência com o meio e com quem está próximo que faz com que as necessidades possam vir antes dos interesses. Passado o tempo da novidade, a televisão foi incorporada ao cotidiano e a utilização que dela se faz está condicionada à interpretação dos benefícios que esse uso possa vir a promover. A televisão passou a ser considerada um objeto útil porque fornece um tipo de informação que não se obteria de outra maneira, além de ser a principal fonte de diversão e entretenimento, na medida em que não encontra concorrentes à altura.

Quando se refere às pesquisas de audiência de telenovelas, Hamburger descreve, com base em teoria formulada por profissionais de televisão a partir da experiência cotidiana, que as novelas teriam em média 150 capítulos, alcançariam no início índices médios de audiência; os números cairiam e voltariam a subir nos capítulos 80 ou 90, atingindo o pico da audiência no final da novela³⁴. Essas informações parecem justificar as suspeitas do Pastor Paulo Sérgio de que a frequência à igreja diminui quando a novela melhora. É quando as concessões são feitas. A novela, assim como os grandes acontecimentos e os programas de tevê mais populares e aclamados, prende o receptor em casa. Em dado momento, os evangélicos de Vista Alegre parecem encontrar na televisão uma compensação que a igreja não oferece; os personagens do folhetim, tidos como familiares e íntimos, podem ter mais a dizer do que o pastor e tal escolha não os faz sentirem-se culpados, uma vez tratar-se de renegociações com as próprias expectativas. Isso ocorreria, de acordo com Leal, porque

a novela é um discurso compensatório que trata de noções abstratas como o mal, o amor, a felicidade, e onde se organizam e se resolvem afetos de personagens junto a um público que encontra, nas intimidades e nas soluções oferecidas pelas imagens, diferentes níveis de gratificação e que acredita na autoridade da narração televisiva. (1986, p.48).

Quando deixam de ir à igreja para assistir à novela, os moradores de Vista Alegre estão priorizando o entretenimento. A igreja está lá fora, na rua, com seus impedimentos, seus horários, sua rotina. O culto pode esperar um filho desgarrado. O que não espera ninguém é o capítulo de novela, que está dentro de casa, rotineiramente renovado, oferecendo a possibilidade de realização de todos os desejos, sem horários. Ao pastor Paulo Sérgio, nessas situações, resta chamar a atenção da audiência com relação ao descumprimento do contrato religioso, tentando manter sua autoridade diante de um oponente extra-oficialmente instituído, a despeito da poderosa instituição que o evangélico representa. A televisão, revestida de uma aparente generosidade, torna-se cômoda, doméstica, divertida, dá permissão. Utiliza estratégias contra as quais é difícil lutar.

³⁴A autora não dá detalhes sobre a origem da pesquisa.

4.3

Entre o global e o local: um mapa possível

Algumas informações sobre Santa Maria Madalena, colhidas em relatórios do IBGE, nos ajudam a traçar nossa cartografia, quando somadas à observação do modo como as identidades se manifestam em Vista Alegre com relação à programação da tevê³⁵.

A quantidade de domicílios urbanos e rurais em Santa Maria Madalena é da mesma proporção. Como a faixa territorial é muito extensa, de 816,8 quilômetros quadrados, e a configuração geográfica desenha um mapa de recorte peculiar, podemos supor que a distância e a dificuldade de acesso às pequenas localidades ajuda a explicar a razão porque não há um movimento no sentido de registrá-las³⁶. São núcleos de populações pouco significativas economicamente, que não participam da vida social e têm pouca expressividade como eleitores. São populações esquecidas. É nesse contexto que Vista Alegre se inclui.

Santos afirma que “as técnicas transportam uma história”, definem uma época. A época atual nos países centrais é a das técnicas de informação avançadas, disponíveis para os atores hegemônicos, enquanto aos periféricos restam os conjuntos de técnicas menos atuais (2006b, p.25). Se as técnicas promovem nos lugares novas formas de relacionamento, ditam o ritmo dos acontecimentos, promovem a evolução, podemos supor que, neste lugar onde a única técnica de informação disponível é a televisão, para que seus habitantes possam vir a desfrutar, por exemplo, das técnicas de informação avançadas, como a informática, será necessário dotá-los dos conhecimentos e dos instrumentos que os capacitem para tal. Isso só se tornará possível, entretanto, se, antes, houver interesse e empenho em combater a primeira dificuldade concreta que se apresenta: a evasão escolar.

Dos 10.840 cidadãos de Santa Maria Madalena, 2.176 pessoas têm menos de um ano de instrução. As crianças não freqüentam o pré-escolar e a desproporção do número de matrículas entre as primeiras séries do primeiro grau e o ensino médio demonstram que elas param de estudar antes de completarem o primeiro grau. As pesquisas apontam duas razões para isso: o comodismo e o

³⁵Os números são relativos ao censo realizado pelo IBGE em 2000.

³⁶O mapa do município de Santa Maria Madalena está inserido nos anexos.

êxodo. Muitos moradores da zona rural param de estudar assim que se consideram aptos a ler, escrever e fazer contas; é tudo de que precisam, por exemplo, para assinar o próprio nome, ler a Bíblia, fazer compras. Para assistir à televisão, não é preciso saber ler nem escrever, basta ligar o aparelho. A pequena circulação de livros, jornais e revistas em Vista Alegre pode sugerir, a despeito de outras dificuldades, a falta de motivação pela leitura e pela instrução. Aqueles que têm a chance e a vontade de deslocarem-se para fora do município migram em geral para Macaé e Campos e de lá não voltam. Quando é o caso, continuam os estudos. Os que partem para tentar a sorte em outra cidade só retornam, na maioria das vezes, para visitar a família. É o caso de Elisângela, filha de dona Elenilza que, tendo completado o segundo grau em Conceição de Macabu, acabou encontrando por lá o primeiro emprego.

Romero, 16 anos, filho de dona Enilzete e seu Hernandes, parece disposto a seguir o mesmo caminho de Elisângela. O rapaz vai cursar a sétima série em um colégio de Conceição de Macabu. Enfrenta a rotina que Anderson, por exemplo, afirma não agüentar. Romero acorda às 5:00h e às 5:15h já está na *kombi* que o levará ao ônibus que pega às 6:20h para finalmente chegar à escola. Gosta de estudar, principalmente geografia e inglês, diz que conhece muitas palavras, mas ainda não sabe falar o idioma; tem vontade de aprender, para entender as músicas, os filmes. Como está de férias, aproveita para ajudar no plantio de capim na Fazenda Vista Alegre. Quer juntar dinheiro para comprar material escolar. Romero ainda não sabe dizer o que gostaria de fazer no futuro, mas tem ambições de arrumar um bom emprego. Assim como fez Elisângela, ele pretende buscar as oportunidades oferecidas nos centros mais próximos, deverá ir embora. A partida de Romero irá contribuir para agravar o esvaziamento demográfico em curso na região. Em Santa Maria Madalena e em seu entorno acabam ficando os velhos, os adultos e as crianças, estas cada vez em menor número.

Com relação à atividade agrícola, principal matriz econômica de Vista Alegre, a questão técnica se agrava. Nesse lugar onde a exploração dos recursos naturais ainda se dá de maneira rudimentar, onde ainda não ocorreu a mecanização do espaço geográfico, também não se pode falar em mudanças na produção agrícola que venham a proporcionar o desenvolvimento humano e regional. Embora o solo seja considerado fértil, de boa qualidade, o clima seja apontado como o sexto melhor do Brasil, não há incentivo para a agricultura. Na

zona rural de Santa Maria Madalena, predominam as lavouras de subsistência, com ênfase para as culturas do arroz, milho, cacau, feijão e mandioca. É dessas culturas, por exemplo, que sai parte do dinheiro com que sobrevivem as famílias de seu Hernandes, seu Devaldo e Alzeir. Para incrementar a economia e criar novas frentes de trabalho, a solução talvez fosse transformar a localidade em uma grande produtora de farinha e incorporá-la ao projeto da Casa da Farinha desenvolvido na Agulha dos Leais. A Emater supervisiona um projeto de fruticultura com os pequenos proprietários a fim de capacitá-los para criarem agroindústrias e, dessa forma, aumentar a renda familiar. Iniciativas que, no entanto, demandam tempo, dinheiro e empenho para se concretizarem, imposições que retardam o crescimento e entram em conflito com uma temporalidade que concorre para excluir os que não se adaptam às suas exigências de racionalidade.

Para Cândido, “a existência de todo grupo social pressupõe um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico” e a manutenção desse equilíbrio irá depender da eficácia das soluções encontradas para que essas necessidades sejam satisfeitas (2001, p.29). Os problemas de ajuste ao meio e às transformações sociais variam de sociedade para sociedade e em cada qual se pressupõe a existência de um nível de organização. Se em Vista Alegre estamos lidando com uma população decrescente, pulverizada, afastada dos centros que poderiam incluí-la, passamos a considerar que a busca de soluções para seus problemas advém, na maioria das vezes, dos próprios indivíduos. Nesse contexto, um pequeno fruticultor e pecuarista como Eliezer Noch, cuja participação na economia não chega a gerar lucros para o município, conta apenas com a força do próprio trabalho para tocar seu negócio, razão pela qual anda desanimado.

Eliezer fora afastado da Companhia Estadual de Eletricidade por causa de uma mudança na direção da empresa. Trabalhava lá há 10 anos. Com o dinheiro recebido, comprou duas vacas leiteiras, de R\$ 3 mil cada uma, para aumentar a produção, mas desistiu de mandar o leite para a cooperativa. Prefere fazer queijo, requeijão e manteiga e negociá-los pessoalmente no comércio de Conceição de Macabu. O preço do litro, R\$ 0,15 centavos, não compensa os custos, nem as exigências impostas pelo selo de qualidade. Ele não está mais cuidando das fruteiras: as laranjas estragam no pé, os coqueiros da entrada estão largados, o coco caindo, tudo jogado pelo chão. O portão está quebrado. Eliezer queixa-se muito da falta de assistência técnica.

O pequeno produtor não está mais assistindo ao Canal do Boi, ao *Jornal Nacional* e ao futebol, como costumava fazer. Um formigueiro na antena parabólica mantém o equipamento temporariamente fora de uso e ele não faz questão de resolver o problema. “Assistir à televisão pra quê, se eu não consigo fazer aqui o que eu vejo dar certo nas propriedades dos outros?” Eliezer se refere aos programas de temática rural que, aparentemente, criam nele expectativas que não consegue realizar. O pecuarista cultiva a esperança de voltar ao antigo emprego, “quando a situação na empresa se resolver”, para não ficar tão entregue à própria sorte. Também pretende murar a entrada da fazenda e consertar o portão quebrado. Mas o dinheiro que possui agora está sendo investido em uma nova tentativa de expansão: preparar o terreno onde está instalado o pomar para plantar pasto.

As áreas de pastagem predominam na zona rural de Santa Maria Madalena. A pecuária de leite leva os proprietários de terra a substituírem as lavouras pelo plantio de capim. No entanto, o volume de produção é pouco significativo em relação a outros municípios produtores no Estado e os criadores locais não têm força para negociar um preço melhor para o litro de leite, o que pode vir provocando, ao longo dos anos, uma estagnação na economia. Endividados, empobrecidos, os pequenos pecuaristas como Eliezer e Alzeir precisam ir buscar fora uma nova fonte de renda porque ainda acreditam que a situação possa melhorar. As casas vazias e as propriedades improdutivas que compõem a paisagem sugerem que alguns outros já desistiram.

Nesse lugar, é possível observar que as relações presentes são pouco numerosas, simples e pouco densas. O entorno dos homens acaba por lhes ser conhecido e os seus mistérios são apenas devidos às forças naturais imprevisíveis. Tais condições materiais terminam por se impor sobre o resto da vida social. Se a rua, em Vista Alegre, oferece poucas oportunidades, a vida corre dentro de casa, onde a programação da tevê ajuda a criar novas possibilidades. Para os religiosos, a vida também se manifesta na igreja, que oferece conforto para as angústias e os vazios. Dona Lúcia de Paula, evangélica desde criança, mantém com o culto exibido pela tevê o mesmo compromisso com os realizados na igreja, aos quais procura não faltar. Ela diz que tem muita fé na religião para se curar da doença. Dona Lúcia é natural de Campos, está morando em Vista Alegre porque seu José é dali e quis voltar. “Ele juntou dinheiro a vida toda para comprar a fazenda”. Ela

não vai a festas há cinco anos, desde que ficou doente. Em Vista Alegre, além do convívio com os vizinhos, não tem onde ir. Sai de casa apenas para ir à igreja, ao médico no Rio ou à Conceição de Macabu, onde faz compras no “Calil”. Na televisão, dona Lúcia parece aproveitar na programação os conteúdos que, de alguma forma, ajudam a suportar melhor seu problema de saúde. Quando o culto começa, pela manhã, ela já está diante da televisão para orar de joelhos e ungir a água que, acredita, lhe garantirá a saúde. Um ritual que mantém fortes os laços entre o programa e a receptora e ajudam a conferir autenticidade a essa fé praticada à distância.

Cândido chama a atenção para o fato de que

para se fazer a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade é preciso nunca perder de vista a presença, no interior do corpo social, de fatores que ajudam a admitir ou a rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhos à sua herança de cultura. (2001, p.47)

Habitados a uma rotina que muda muito pouco, condicionados a um padrão de vida que se sedimentou sobre a tradição e sobre as práticas cotidianas, os moradores de Vista Alegre adaptam-se, em ritmos diferentes, às novidades que a modernidade oferece. Enquanto Anderson ouve *funk* no aparelho de som, seu Elias ouve as notícias no rádio de pilha. Carrega-o para onde quer que vá, como uma extensão de si mesmo. O hábito já está arraigado ao seu cotidiano. Quando tem vontade de assistir à tevê vai à casa do filho, mas diz que “é muito difícil ter vontade”.

No dia-a-dia, em Vista Alegre, algumas pessoas, especialmente os mais velhos e as mulheres, dormem à tarde. É comum encontrá-las, juntas, estiradas nas varandas ou deitadas no chão da sala, com a porta aberta, pegando o ar que vem de fora. Estão acostumadas a fazer isso. O dia na roça começa cedo, praticamente quando o sol desponta e, depois de cumpridas as tarefas diárias, não há o que fazer. Heller (2004) diz que o homem já nasce inserido no cotidiano e é aí que ele pode exercer sua individualidade e personalidade. A autora diz ainda que a vida cotidiana é também hierárquica, no sentido de que ela reforça a divisão de papéis socialmente estabelecidos. Em Vista Alegre, durante o dia, são as mulheres que ficam em casa enquanto os homens trabalham nas fazendas. Na maioria das vezes,

os filhos pequenos estão na escola e elas ficam por ali, tratam dos animais, cultivam hortas. Em algumas casas, o aparelho de tevê já está ligado depois do almoço. A televisão ajuda a preencher esse tempo ocioso. À tarde, as donas-de-casa costumam assistir aos programas femininos de variedades, às reprises de novela, aos filmes da *Sessão da Tarde*. Dona Maria Izabel, por exemplo, gosta de assistir à tevê nesse horário, enquanto faz crochê, depois de concluir o serviço doméstico.

O normal é ligar a televisão à noite, para assistir à novela, hora em que os homens chegam em casa, a família janta e descansa. É o momento de usufruir do ambiente familiar, de assistir à tevê na sala arrumada de modo a destacar o aparelho, o que acontece, por exemplo, na casa de dona Enilzete, onde dois sofás na sala formam um “L” e estão posicionados em frente à televisão, que está colocada sobre uma estante de madeira simples. Há também um aparelho de som, que ela ganhou em Macaé. Na hora da exibição da novela, Romero entrou na sala para fazer companhia à mãe. Dona Enilzete estava pronta para ir ao culto da Assembléia de Deus, às 19h30, bem perto de casa, assim que o folhetim terminasse.

Martín-Barbero constatou que “a televisão ocupa um lugar estratégico nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (2002, p.27). Através das mediações podemos captar os modos de ver dos indivíduos, os olhares que podem revelar pistas sobre as maneiras como, a partir dos conteúdos simbólicos, esses indivíduos reorganizam o tempo e o espaço cotidianos. Dona Maria de Lourdes mora em uma casa boa, nova, com varanda coberta, piso cerâmico, jardim bem cuidado. O imóvel, na fazenda Paraíso, de propriedade da família, se destaca na paisagem local. Dona Lourdes tem 62 anos e é casada com seu José Martins Pego, que produz leite para a cooperativa. É católica, mas vai pouco à igreja. Cuida da neta Ednara, de seis anos, todos os dias, para a filha poder trabalhar em Conceição de Macabu. Para dar conta do serviço doméstico, pela manhã, deixa Ednara assistindo à tevê. A menina gosta muito de desenhos e do *Sítio do Picapau Amarelo*, programa infantil veiculado pela TV Globo. Dona Maria de Lourdes contou: “a televisão ajuda a tomar conta da menina enquanto eu faço o serviço de casa”. Ela faz da tevê uma babá eletrônica. Quanto a suas preferências, diz gostar de novelas, mas não se prende. Não leva a televisão muito a sério e não deixa de

dormir por causa de programa algum. “A televisão fica ligada na Globo direto, mas eu desligo, no máximo, às 10 horas da noite. Não perco o sono por causa de televisão, não”.

Enquanto assistia à novela, antes de ir para o culto, dona Enilzete mastigava cravos da Índia, porque estava tentando parar de fumar. Tinha voltado para a igreja e o pastor proibia o cigarro. No meio de uma cena que tratava da reencarnação, tema central do folhetim, dona Enilzete confidenciou: “eu estava desviada da Igreja, voltei tem uma semana. Vou contar uma coisa pra você que não contei pra ninguém: eu estava rouca, muito rouca mesmo, há quase uns 20 dias. Resolvi ir ao culto para ver se melhorava. Eu adoro cantar os hinos, sei todos eles e canto bem, tenho voz boa. Cantei o primeiro hino mal, por causa da rouquidão, o segundo hino eu não consegui cantar. Quando eu sentei, abaixei a cabeça, de olhos abertos, olhando para o chão, falei baixinho: meu Deus, e a minha voz, vou ficar sem ela? Na mesma hora a voz voltou. Deus está de olho aberto e não dorme”. A reencarnação na novela fazia com que lembrasse da igreja e da culpa que sentia pelas vezes em que, por preguiça ou por causa da televisão, deixou de frequentá-la. Voltara a ir à igreja três vezes por semana.

Quando discorre sobre a suposta contemporaneidade com que as tecnologias de comunicação são produzidas nos países ricos e consumidas nos países pobres, Martín-Barbero chama atenção para

a não-contemporaneidade entre os produtos culturais que se consome e o ‘lugar’, o espaço social e cultural, desde o qual esses produtos são consumidos, olhados, ou lidos pelas majorias na América Latina. (2002, p.179)

Nos países periféricos, como o Brasil, onde diferentes contextos sociais e culturais dão origem a variados níveis de mediação, a apropriação desses produtos se dá em movimento descontínuo, desigual, na medida em que os recursos disponibilizados para os grupos são proporcionais ao grau de desenvolvimento dos contextos em que estão inseridos. Em Vista Alegre, para começarem a desfrutar dos benefícios da luz elétrica, os moradores locais precisaram abarcar um projeto de eletrificação em que tiveram que pagar pela implantação da energia. Uma inclusão que começou a se dar pela televisão e que provocou, nos últimos seis anos, um salto para a modernidade: de uma comunidade às escuras, os indivíduos passaram a viver sob a luz arrebatadora das imagens, sem terem tempo

de primeiro conhecer o mundo para compreendê-lo, sem aprenderem a identificar para assimilar, sem que fossem desenvolvidas as potencialidades necessárias para que se pudesse superar o descompasso que ainda os mantém longe dos outros com que se relacionam virtualmente. Para o mundo que se descortina por esses aparelhos de televisão, Vista Alegre ainda não existe. Estariam esses indivíduos sujeitos ao *buraco semântico* a que se refere Martín-Barbero (2002, p.180)? De que ferramentas precisariam dispor para não cair no vazio da ilegibilidade? Quando poderão deixar de ser considerados atrasados?

A televisão que chega a Vista Alegre ainda é restrita. Pela parabólica, a comunidade recebe o sinal da Rede Globo, da Rede TV, da Bandeirantes, do SBT e da TV Record, entre as emissoras de maior abrangência. Através da programação, chegam a essa localidade o *Jornal Nacional*, a Regina Duarte, o futebol, os programas de auditório, a morte de Saddam Hussein, a queda do avião da *Gol*, o *funk* e o carnaval, imagens do mundo globalizado. Mas o que a televisão tem a oferecer, além disso, àqueles que se encontram à margem de um país periférico? Os canais por assinatura, programáveis, não estão disponíveis para esses receptores. Eles não conhecem a variedade de canais que se oferecem hoje na tevê paga e o que assistem também está limitado à qualidade dos sinais das emissoras que alcançam as residências. Em Vista Alegre, o mapa da tevê ainda é o do velho modelo maciço de comunicação, que veicula os conteúdos cada vez mais supérfluos e espetacularizados da tevê aberta. A resistência de Creuza, Gelson e seu Elias não pode sugerir que essa ainda é uma televisão que nada tem a dizer a eles? Mas que mecanismos atuam nesses indivíduos para provocar sua resistência? Que relações estabelecem entre o novo e o antigo? O que desejam preservar?

Hall afirma que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (2001, p.47)³⁷. Para alguns indivíduos, arraigados a uma identidade localmente ancorada, a modernidade pode representar uma ameaça à manutenção das tradições e dos costumes com os quais aprenderam a viver e por isso resistem ao contato com outras culturas. Ainda assim, não estarão livres da “contaminação”. O fato de não possuir o aparelho de tevê não protege seu Elias do novo. Do

³⁷O grifo no texto é da autora.

momento em que está na casa do filho, Alzeir, fazendo uma visita, e a televisão está ligada, a convivência que se dá já está mediada pela tecnologia. Nesse caso, a conversa só se estabelece durante os intervalos entre os programas, ou Alzeir só dá atenção ao pai quando o programa termina; o que se passa na tevê também se torna parte das conversas familiares. Creuza não tem televisão em casa, mas não consegue impedir que Duesley assista à tevê na casa da tia. Diante da insistência do menino, acaba admitindo que vai ter que comprar um aparelho, “para poder controlar o que ele assiste e mantê-lo mais em casa”. Terá que aprender a conviver com o mundo das imagens e com as mudanças que os conteúdos simbólicos assimilados produzirão em Duesley. Para poder dialogar com ele, terá que vencer a própria resistência e criar mecanismos de regulação que façam valer sua autoridade de mãe. São casos em que tradição e modernidade estão em constantes negociações. Casos em que as identidades, submetidas a um mundo globalizado, estão se modificando e às suas relações com os outros de forma inevitável. Para Hall, “a continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pelo imediatismo e pela intensidade das confrontações culturais globais”, que exigem a adesão absoluta do receptor (2001, p.84).

Seu Hernandes Patrício é um sujeito falante, alegre, bom de papo e gosta de contar como ganhou o aparelho de tevê a cores, para ele uma aquisição importante. “Foi num bingo em Conceição de Macabu. Passou um amigo aqui e me deu a cartela. Só que eu não podia ir até lá e pedi a um outro amigo para me representar. Quando ele voltou, me deu parabéns. Eu ganhei o aparelho de televisão a cores. Chamei Enilzete no carro para ver e ela ficou doida! Eu não ligo muito, não, é mais para as crianças, as crianças é que gostam. Se deixar, eles ficam o dia inteiro na frente da televisão. A gente já tinha uma televisão preto e branco, mas televisão com cor é outra coisa”. Seu Hernandes conta que de vez em quando assiste à novela, mas prefere o Globo Rural e revelou as razões de sua preferência. Ele tem um sonho de possuir o próprio sítio. Seu Hernandes cultiva a esperança de subir na vida. A televisão ajuda a mantê-la viva.

Canclini afirma que “a identidade é uma construção que se narra” (1999, p.163). Para o autor, as identidades modernas, historicamente construídas, pertencentes a uma nação e usuárias de seus objetos, língua e costumes, se formavam com base na comunicação estabelecida localmente, entre pessoas próximas. O processo de globalização fez surgir as identidades pós-modernas,

pulverizadas, constituídas a partir de uma colcha de retalhos; identidades que se disseminam através da produção industrial de cultura e da comunicação tecnológica. A maneira como se relacionam produz o enfraquecimento dos laços entre as identidades tradicionais. Os acontecimentos fundadores, territorialmente ancorados, que distinguiam as identidades, diluem-se a partir da emergência dos acontecimentos transfronteiriços, na constituição de identidades híbridas cuja interdependência será sempre assimétrica e desigual. As preferências pulverizadas dos receptores em Vista Alegre parecem apontar para as diferenças, as subjetividades que, ao se manifestarem, podem gerar desequilíbrio. O *funk* que Anderson gosta de ouvir, por exemplo, incomoda os vizinhos, destaca-o dos outros moradores locais na medida em que ilustra um padrão de comportamento estranho ao grupo.

Boaventura de Souza Santos esclarece que “a competência global requer, por vezes, o acentuar da especificidade local” (2002, p.70). Mas, para o autor, nos sistemas mundiais em transição, o local que se globaliza precisa estar revestido da diferença que inferioriza e que se configura no exótico, no insólito, no surpreendente, nas narrativas esvaziadas de seus conteúdos simbólicos originais que incluem-se, sem direito a alternativa, de forma subalterna, ao projeto de cultura global inventado pelos vencedores. Um movimento gerador de conflitos, de trocas desiguais e produtor de complexidades, que ainda segundo Santos, confirma “a hierarquia entre classes, grupos, interesses e instituições no interior dos processos de globalização” (2002, p.67). Vista Alegre coube na programação da tevê por apresentar-se à margem da tendência hegemônica e seus moradores tornaram-se personagens empíricos porque seus relatos ajudaram a ratificar essa condição. Mas continuam esquecidos, até oferecerem outra pauta que justifique sua inserção no veículo.

Podemos dizer, então, que o projeto universalista da globalização precisa que se mantenham vivas as culturas locais e regionais. As particularidades e a história das localidades são incorporadas às indústrias culturais, que as globalizam. As tevês regionais, por exemplo, contribuem para fortalecer os processos de hibridização intercultural. Mas o que se verifica não é apenas o interesse pelo que as especificidades de uma dada cultura têm a contar para poder ajudar a cartografar o mundo. É preciso levar em conta o tanto de repertório do mundo globalizado que se reproduz no local e que contribui para acentuar as

diversidades. Os feitos locais, seus personagens e seus dramas são incorporados agora às narrativas espetaculares difundidas pela televisão, que transforma a realidade em ficção e cria com o receptor uma relação imaginária.

Tornado consumidor potencial de conteúdos simbólicos a ser capturado, o receptor de Vista Alegre, diante da falta de outras opções, gasta horas do seu tempo em frente à tevê sendo estimulado a inventar desejos que o veículo imediatamente satisfaz, para em seguida criar outros. O discurso televisivo nunca se cala, efetua uma sobreposição de imagens para propiciar ao usuário um banquete visual. A retórica televisiva utiliza a mesma linguagem para dar conta de informações jornalísticas, publicitárias, de entretenimento, sob uma suposta intenção de facilitar a compreensão por parte do receptor e dar a ele tudo o que precisa e deseja, proporcionando prazer e mantendo-o enfeitiçado.

Para Kehl, “o funcionamento do imaginário dispensa a necessidade do pensamento” (2004, p.89). A autora afirma que diante da televisão ligada, o fluxo contínuo das imagens leva o receptor a um estado de gozo que interrompe a atividade reflexiva. Ele se integra, se entrega e através da imaginação frui a experiência de se ver vendo o outro, se vendo no outro, sem que precise ser visto. A televisão transporta para a cena doméstica a possibilidade de realizar no imaginário o que não se concretizaria na banalidade da vida cotidiana. Ao se comparar com a personagem da novela, dona Elenilza pode vislumbrar para si a chance de encontrar um companheiro, de casar-se de novo, ainda que, na vida real, não tenha coragem de fazê-lo. Quando cai na gargalhada por causa do caubói que consegue escapar “arrancando” com a carroça, Anderson projeta a si mesmo manejando aquele veículo e considera sua a esperteza manifesta pelo personagem.

Para Appadurai (2003), a imaginação pós-eletrônica cumpre um papel significativo e absolutamente novo, porque, através da apropriação ativa dos mundos que a televisão narra, o indivíduo alimenta e reconstrói seu imaginário. O autor sustenta a idéia de que a imaginação é um fato social coletivo, na medida em que se torna parte do trabalho mental cotidiano de pessoas comuns em muitas sociedades. O contato com o mundo através da tevê promove nos receptores de Vista Alegre um fluxo de experiências comuns a que Appadurai (2003) decidiu chamar de “comunidade de sentimentos”, em que indivíduos que não se conhecem, ou sequer se viram começam a imaginar e experimentar os mesmos sentimentos em relação a pessoas e eventos veiculados na mídia. Nesse sentido,

dona Maria Elza, dona Maria Izabel, dona Maria de Lourdes, Maria do Carmo, “Marias” que podem ser diferentes no gosto e no temperamento, tornam-se uma só e irmanam-se a outras, desconhecidas, quando conclamadas pelas manifestações coletivas de solidariedade em torno de pessoas que são vítimas de injustiças, de guerras, de catástrofes naturais. O apelo televisivo, apoiado em imagens impactantes, mobiliza para povos longínquos uma solidariedade que muitas vezes não se concretiza em relação àqueles que estão próximos. As “Marias” de Vista Alegre podem não ser tão íntimas entre si quanto o são da Maria que sofre na tevê. O aparato eletrônico insere todas elas em uma comunidade imaginada, diariamente construída pela narrativa mnemônica sobre os fatos reais e ficcionais.

Quando discorrem sobre a memória narrativa, Fentress e Wickham (1992) afirmam que para fixá-los na memória social, os personagens e as imagens tendem a ser simplificados e convencionalizados a fim de garantir sua manutenção. Na narrativa que a televisão produz sobre a memória dos fatos universais, históricos, as imagens parecem reais e irão incidir de forma decisiva sobre as lembranças do passado. Quando um grupo não dispõe de recursos para fixar a memória do passado, a televisão, apelando para sua habilidade estética e lingüística, cria o conforto de recontar as histórias através de imagens e ligações numa seqüência lógica, quase didática, a fim de garantir a veracidade e a compreensão sobre os fatos. As lembranças anteriores - dispersas, difusas, descontextualizadas - são substituídas pelas imagens que lhes dão forma. Que lembranças os moradores de Vista Alegre têm hoje, por exemplo, de Juscelino Kubitschek? O que terá restado das lembranças próprias depois da minissérie da Rede Globo que reconstituiu, mesclando fatos reais e ficcionais, a história do ex-presidente?

Halbwachs (1990) argumenta que a memória é sempre coletiva; quando os indivíduos evocam as lembranças pessoais, ainda assim nelas estarão embutidas as pessoas, objetos e lugares – comuns a outros - que, de certa forma, os tornaram o que são. Além disso, para ele, “as imagens que nos são impostas pelo nosso meio modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida” (1990, p.28). Isso porque o homem é um ser social e sua memória individual é sempre um “olhar” sobre a memória coletiva do grupo de que faz parte e com quem compartilha lembranças.

Nas pequenas comunidades, segundo Halbwachs, “os habitantes não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la” (1990, p.80). É aí que reside a força de sua memória. Mas que força terá uma memória agora alimentada cotidianamente pela narrativa mediática? A memória que a televisão constrói é descontínua, construída em capítulos, fragmentos nem sempre conectados uns aos outros, costurados ao ritmo do *zapping*.

A televisão já chegou a Vista Alegre com *zapping*. Antes mesmo de se apropriar dos conteúdos veiculados pela tevê, seu Luís dos Passos descobriu o prazer de brincar com o pequeno aparelho, descobriu o poder simbólico de mudar de canal. O ato de “zapear” pode legitimar a autoridade que ele exerce na família, determinando o que assistir; pode transparecer uma curiosidade sobre o que acontece em outros canais; ou simplesmente indicar que ele não se encontra em nenhuma programação dentre as disponíveis, por isso faz uma edição “particular”, em que os programas, recortados, assumem outros sentidos; apropria-se da gramática televisiva para escrever outros textos. Seu Luís oferece outras razões para o *zapping*: ele diz que “não dá idéia para a televisão”, não se apega a um programa específico e parece utilizar o controle remoto para legitimar sua convicção. Para Martin-Barbero, trata-se de um receptor que resiste a se aprisionar pelas circunstâncias. No caso de seu Luís, ainda que ele não se dê conta disso, ele seria um

leitor vagabundo, errante, nômade, que não fica quieto num só texto, mas que vai lendo ao mesmo tempo vários textos e, a partir deles, construindo outro texto. Ele parte de um informativo, de uma dramatização, fica fascinado com a publicidade, depois muda (2006, p.64)

Um leitor cuja memória se constrói pelas partes, que salta de um programa para outro, de um canal para outro como se assim fosse possível apreender a pluralidade dos mundos. Sarlo diz que “a velocidade do meio é superior à nossa capacidade de reter seus conteúdos” (2004, p.59). Não sendo completamente absorvido pelos sentidos das mensagens da tevê, seu Luís não sente a necessidade de ser fiel a programa algum. Para a autora, entre as questões que o *zapping* suscita está a liberdade do telespectador que, saturado por uma abundância de

imagens, faz dos programas uma leitura baseada na subordinação sintática; ao conectar através do controle remoto seqüências de filmes, trechos de reportagens, cenas de novela, *spots* comerciais, seu Luís exercita o que aprendeu com a televisão operando a lógica do próprio meio: preenchimento dos vazios e dos silêncios com imagens cada vez mais velozes e sobrepostas.

Mas o que busca, afinal, seu Luís? O que busca pode ser encontrado na televisão? Não estaria ele acreditando demais na promessa do meio de diverti-lo, mantê-lo informado e protegido? Sem saber ao certo o que procura, poderia encontrá-lo em algum programa? Machado descreve o *zapper* como um navegante da *zoosfera*, o reino dos signos:

sua unidade de controle remoto lhe permite atravessar espaços e tempos distintos e níveis diferentes de realidade, alinhavando as faixas de onda, embaralhando gêneros e formatos, redefinindo, enfim, as categorias de conhecimento. (2002, p.144)

Seu Luís poderia estar ansioso por conhecer através da telinha um mundo que, na realidade, sabe que jamais poderá percorrer com os próprios pés. Realiza um movimento que traduz, na verdade, a dinâmica própria do veículo, que “recorta” o mundo em sua complexidade para que o faça caber na sua grade de programação, ainda que o mundo não caiba em cada aparelho de tevê que o assiste. Disponibilizando-o em imagens descontínuas e segmentadas, a televisão oferece esse mundo em pedaços. É função do leitor ou do pedestre, cada qual, utilizar as táticas para viabilizar as práticas e escolher o trajeto que melhor se adapte ao tamanho dos próprios passos. Seria preciso dar a ele os sapatos adequados para completar todo o percurso. Resta-nos então a pergunta: há sapatos adequados?